

O “Y” EM QUESTÃO: AS TRANSMASCULINIDADES BRASILEIRAS

Simone Ávila¹
Miriam Pillar Grossi²

Resumo: As masculinidades são construídas na esfera da produção social; diferentes masculinidades se produzem no mesmo contexto social e as relações de gênero incluem relações entre os homens, relações de dominação, marginalização e cumplicidade, em que uma determinada forma hegemônica de masculinidade agrupa outras masculinidades (Connell, 1995). Jack Halberstam propõe uma masculinidade feminina, afirmando que “*a masculinidade não pertence aos homens*” e faz surgir subculturas de gênero até então mal representadas e concretamente reprimidas. Nosso objetivo é problematizar as transmasculinidades produzidas por transhomens brasileiros, através de uma etnografia *online* e *offline* durante dois anos e meio com 34 sujeitos. As questões que pretendemos discutir são: O que dizer das masculinidades produzidas por transhomens? Qual é o seu desejo de masculinidade? Os resultados indicam diferentes transmasculinidades, que podemos articular com as tecnologias de gênero propostas por Teresa de Lauretis, e com Beatriz Preciado, que entende que o conjunto de tecnologias de domesticação do corpo, de técnicas farmacológicas e audiovisuais que fixam e delimitam nossas potencialidades, é uma ficção “somatopolítica”, que funciona como próteses de subjetivação e questiona a certeza de sermos homens OU mulheres.

Palavras-chave: Transexualidade. Transmasculinidades. Transhomem.

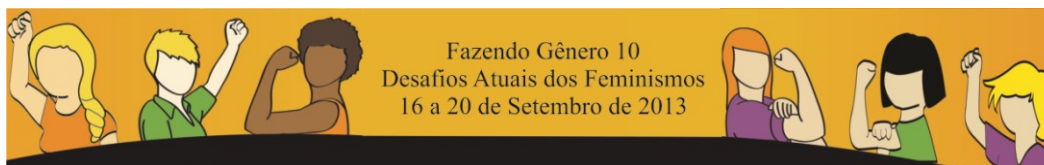
Segundo Robert W. Connel (1995, p. 188), «*a masculinidade é uma configuração da prática em torno da posição dos homens na estrutura das relações de gênero*», e para o autor, as masculinidades são contruídas na esfera da produção social, uma vez que a configuração de práticas enfatiza aquilo que as pessoas fazem e não o que é esperado ou imaginado. Isso significa que a maioria dos homens internaliza a norma social na qual os homens devem agir e sentir de modo a se distanciar do comportamento das mulheres e da feminilidade, adotando maneiras e interesses ditos «masculinos» (Connell, 1995).

De outra parte, Connell chama a atenção para duas questões : diferentes masculinidades são produzidas no mesmo contexto social e as relações de gênero incluem relações entre os homens e entre os homens e as mulheres, relações estas de dominação, marginalização e cumplicidade, nas quais uma determinada forma hegemônica de masculinidade tem outras masculinidades agrupadas ao seu redor ; daí falar de « masculinidades » no plural.

Connell não trata de masculinidades « femininas », como Judith Halberstam. Halberstam, ao propor em seu livro *Female Masculinity*, publicado em 1998, uma masculinidade feminina (*female*

¹ Discente do Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), pesquisadora do Núcleo de Identidades de Gênero e Subjetividades (NIGS/UFSC), Florianópolis, Brasil. E-mail: simoneavila10@brturbo.com.br

² Doutora em Anthropologie Sociale et Culturelle pela Université de Paris V, professora da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), coordenadora do Núcleo de Identidades de Gênero e Subjetividades (NIGS/UFSC), Florianópolis, Brasil. E-mail: miriamgrossi@gmail.com.



masculinity), que seria sinônimo de « masculinidades sem homens », concebe muito positivamente o fato de que a « masculinidade não pertence aos homens » e faz surgir lados inteiros de subculturas de gênero até então mal representadas, colocadas em discurso por outros, até mesmo patologizadas e concretamente reprimidas.

« Trabalhar sobre masculinidades femininas queer ou vivê-las nos ajuda a desconstruir e criticar a unidade imitada da masculinidade *straight*³ (...) trabalhar sobre a masculinidade feminina (sem homens) constitui um ponto de vista privilegiado (e não parcial) para compreender também como a masculinidade é constituída na cultura dominante » (HALBERSTAM, 1998:1).

A estratégia de Halberstam permitiu explorar uma grande variedade de masculinidades femininas, forçadamente subversivas, até então invisibilizadas (Bourcier e Molinier, 2008).

Estudar masculinidades implica entrar em um campo marcado por tensões, contradições e contestações, pois existe uma grande variação cultural de masculinidades e elas podem ser compreendidas não como um dado acabado, mas como um fenômeno complexo, em movimento, e como tal, instável e fluído. A dúvida de Todd W. Reeser (2010) é a mesma que a nossa: « O que significa masculinidade quando assumimos que a masculinidade e os homens não estão diretamente relacionados? »

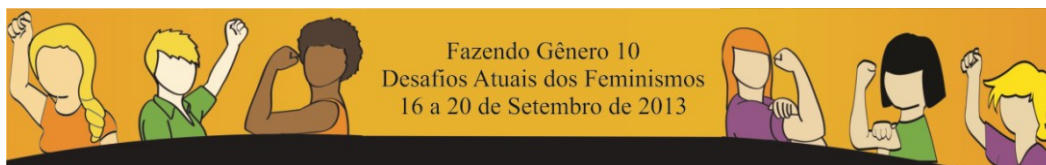
Nossa intenção neste artigo é problematizar as transmasculinidades produzidas por transhomens⁴ brasileiros, através de uma etnografia *online* e *offline* durante três anos com trinta e quatro sujeitos de várias regiões do Brasil, diferentes faixas etárias e diversos níveis de escolaridade. As questões que pretendemos discutir são: O que dizer das masculinidades produzidas por transhomens? Qual é o seu desejo de masculinidade?

Na nossa etnografia *online*, o canal de comunicação mais frequente que utilizamos com os interlocutores foi o e-mail. O uso do e-mail teve ao mesmo tempo vantagens e desvantagens. Uma das vantagens é que o interlocutor teve tempo para pensar sobre o que ele iria dizer. Por outro lado, este tempo pode ter comprometido a espontaneidade nas conversas.

Outra estratégia metodológica que utilizamos foi a rede social *Facebook*; vários interlocutores foram adicionados como nossos « amigos ». Desta forma, pudemos acompanhar suas postagens e trocar mensagens instantâneas, nas quais a conversa fluiu de modo mais livre. Para que esta ferramenta fosse útil para a pesquisa, foi necessário anotar no diário de campo os tipos de postagens, a rede de amizade e os grupos de discussão que nossos interlocutores participam.

³ Hétero

⁴ Transexuais masculinos (de mulher para homem). A fim de nos distanciarmos das categorias médicas, entendemos por transhomens as pessoas trans que se identificam com o gênero masculino, que não necessariamente participam de programas de readequação sexual (ou readequação de gênero) ou se submeteram a intervenções cirúrgicas.



Também tivemos a oportunidade de conversar pessoalmente com alguns interlocutores e acompanhá-los em diferentes espaços.

Masculinidades

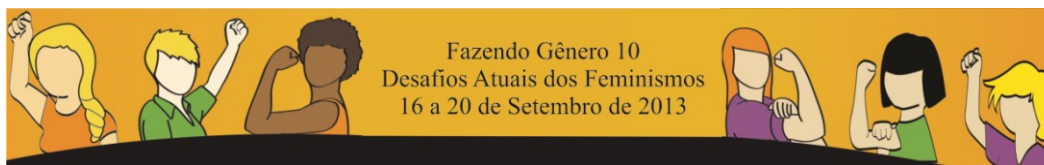
Assim como não existe um padrão de feminilidade universal, não existe um único padrão de masculinidade que seja encontrado em todas as culturas e em todos os períodos da história. Pelo contrário, há grandes evidências de que existem vários padrões de masculinidade, várias definições do que significa ser um homem e diversas maneiras que os homens vivenciam as relações de gênero (Connell, 2005).

Connell (1995) afirma que há um determinado padrão de masculinidade que ocupa a posição dominante, que ele denominou de « masculinidade hegemônica ». Isso significa que o padrão de masculinidade que é mais valorizado é o que está mais associado à autoridade e ao poder, e que, a longo prazo, garante o privilégio coletivo dos homens. A existência de uma masculinidade hegemônica é uma das razões para a ilusão popular de que existe apenas um tipo de masculinidade (Connell, 2005).

« Uma das principais definições da masculinidade na cultura ocidental para o gênero é que o masculino é ativo », significando, no senso comum, « ser ativo sexualmente, o que para muitos significa penetrar o corpo da/o outra/o » (Grossi, 2004, p. 6). Além disso, para a constituição do modelo de masculinidade hegemônica em nossa cultura, essa atividade também é percebida positivamente como agressividade (Grossi, 2004).

Michael S. Kimmel (2005) aponta algumas regras « básicas » da masculinidade americana dos anos 1970, que são o repúdio do feminino; a masculinidade é medida pelo tamanho do pênis; riqueza, poder e status são marcadores de masculinidade e o que faz de um homem um homem é que em momentos de crise ele deve se assemelhar a um objeto inanimado como um pilar ou uma rocha. Para o autor, na última década, encontramos homens se debatendo contra essa masculinidade tradicional, incapazes ou relutantes em sair dos constrangimentos que sentem por essas « regras », porém ainda apresentam dificuldades em buscar alternativas.

A masculinidade brasileira em fins do século XIX e início do XX era « um valor escasso alcançável apenas por aqueles que satisfizessem as recentes demandas de branquitude, domínio das mulheres, de si mesmo e de outros homens » (Miskolci, 2012, p. 155). Naquele momento, ser um « homem de verdade », na esfera doméstica, significava controlar a mulher dependente e seus



filhos e ser o « cabeça » do casal, e na esfera pública do trabalho, a incorporação de um ética que os tornasse provedores.

Connell afirma que:

« é impossível se esquecer do corpo ao construir a masculinidade; no entanto, isto não quer dizer que seja algo fixo (...) o processo corporal, ao se inserir nos processos sociais, se torna parte da história [tanto pessoal quanto coletiva] e um possível objeto de política». (CONNELL, 2003, p. 81).

Como exemplo, podemos citar a produção do corpo do *bodybuilder*⁵, que em um sentido mais amplo, influencia a ideia de um corpo masculino ideal (Reeser, 2010).

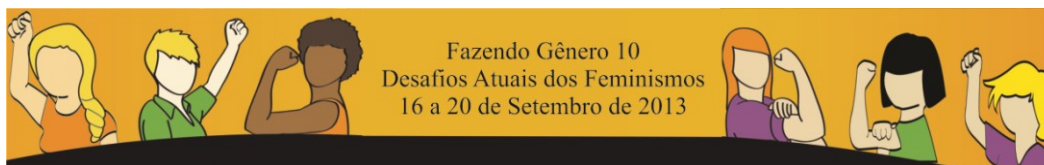
Masculinidades femininas

Na Europa dos séculos XVII, XVIII e XIX as mulheres se faziam passar por homens se vestindo e se comportando como eles por uma série de razões de ordem econômica e social e pelo espírito de aventura (Newton, 2008). A considerável quantidade de mulheres que decidiram se vestir e viver como homens nessa época, sobretudo na Holanda, Alemanha e Inglaterra, aponta a existência de uma tradição subterrânea da travestilidade de mulheres na cultura popular (Dekker e Van de Pol, 2006). São inúmeros os exemplos de santas, soldados, operárias, artistas, rainhas, personagens presentes na literatura e nas artes que, através dos séculos, endossaram um hábito masculino proibido e saíram da clausura de um destino sexuado unívoco (Pellegrin e Bard, 2008), como Santa Margarida, Joana D'Arc, Orlando, de Virgínia Wolf, Greta Garbo, em « Cristina, Rainha da Suécia », Stephen Gordon, de Radclyffe Hall, entre outras.

A travestilidade das mulheres assumiu diferentes conotações ao longo da história e « *pode ser de inspiração carnavalesca, dramatúrgica, econômica, patriótica, sáfica, protofeminista, transgenérica, etc.* » (Pellegrin e Bard, 2008:2). Para Nicole Pellegrin e Christine Bard (2008), a travestilidade das mulheres, diferentemente da travestilidade dos homens, se presta não somente a interpretações eróticas ou lúdicas, mas também a interpretações sociopolíticas. Estas travestilidades femininas poderiam ser entendidas, nos termos de Halbestam, como masculinidades femininas?

Foi no século XIX que o discurso médico estabeleceu a correlação entre travestilidade e « inversão sexual » (Newton, 2008), dando-lhe um caráter sexualizado, ou, melhor dizendo, associando homossexualidade e masculinização feminina. A fixação vestimentária toma um significado único, o da homossexualidade e este deslocamento que se opera na segunda metade do

⁵ Fisiculturista



século XIX traduz a vontade de estabelecer mais firmemente uma norma heterossexual e de catalogar, isto é, nomear, classificar (e estigmatizar) os desvios.

No entanto, passado um século, no início do século XXI, a questão se coloca de outra forma, como propõem Nicole Pellegrin e Christine Bard (2008:4): « *hoje o halo moral e médico de certas palavras se tornou insuportável para nossas sensibilidades contemporâneas* ». Para as autoras, as novas « identidades » trans: *butch*⁶, *drag king*⁷, *FTM*⁸ e os sistemas de marcas corporais inéditas (uso de hormônios, musculação, etc.) são oriundas da inventividade *queer*, que desmultiplica as identidades ligadas ao gênero e a sexualidade. As autoras dizem ainda que estes esforços de desmedicalização afetam até os/as transexuais, sendo que alguns/algumas preferem o termo transgênero, que permite iludir a questão da intervenção cirúrgica e exaltar a criatividade poligenérica. Além disso, diferentemente das políticas « feministas » ou « homossexuais », a política da multidão *queer*, tal como apresenta Beatriz Preciado (2003) se baseia em uma multiplicidade de corpos que se alçam contra os regimes que constroem os corpos « normais » ou « anormais ».

Transmasculinidades brasileiras

Temos percebido uma crescente visibilidade de transhomens desde 2010, que até então estavam praticamente invisíveis tanto no cenário político do chamado movimento de lésbicas, gays, travestis e transexuais (LGBT) quanto no campo de estudos trans e nas mídias digitais e televisivas, quando comparados à visibilidade de travestis e transexuais femininas.

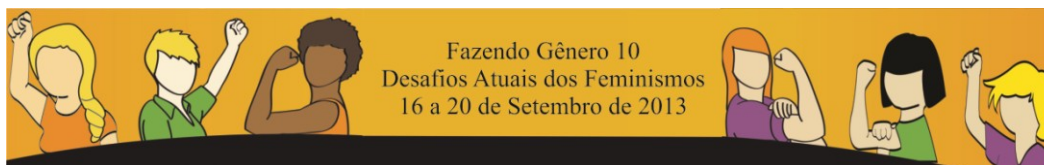
Consideramos transmasculinidades como masculinidades produzidas por transhomens. Assim como não há um modelo único, universal, de feminilidade e masculinidade, entendemos que não há também um único modelo ou padrão de transmasculinidade, há várias transmasculinidades.

Na tentativa de compreender os modelos de transmasculinidades de nossos interlocutores, consideramos importante apresentar, de modo sucinto, as maneiras pelas quais alguns deles de autoidentificaram ou se autodeterminaram trans. A construção do gênero se dá através de tecnologias de gênero variadas, tais como alguns dispositivos menos flagrantes: as teorias radicais e

⁶ Lésbica masculina. No Brasil poderíamos traduzir como “sapatão”, “caminhoneira”.

⁷ Performances de mulheres que se vestem como homens e personificam os estereótipos de gênero masculino como parte de sua performance. Suas performances de personagens masculinos geralmente são exageradamente machistas ou representam celebridades masculinas como Elvis Presley ou Tim McGraw. Foi apenas recentemente que os *Drag Kings* começaram a ganhar alguma fama e atenção que as *drag queens* conhecem há anos.

⁸ *Female To Male*. De mulher para homem (tradução literal). Alguns transhomens se autoidentificam como FTM.



as práticas artísticas (a linguagem, a arte e a literatura). Tanto as tecnologias de gênero quanto os discursos institucionais têm o poder de controlar o campo das significações sociais e de produzir, promover e “implantar” representações de gênero (Lauretis, 1987).

Muitos se autoidentificaram ou se autodeterminaram trans a partir de um filme que assistiram, um livro que leram, de informações encontradas na Internet ou notícias na mídia. O filme « *Boys Don't Cry* »⁹ (« Garotos não choram »), produzido em 1999, que conta a história de Brandon Teena, um transhomem americano assassinado quando descobriram a sua condição, é um exemplo disso na produção de identidades de transhomens. Este filme foi citado por Jeferson¹⁰, de 34 anos, e Toni, de 36 anos.

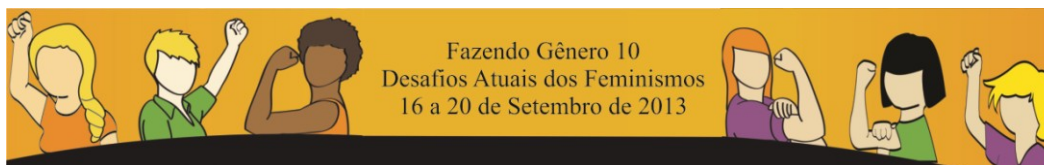
Um exemplo citado por Carlos, 23 anos, foi o personagem Max Sweeney, da série americana *The L Word*¹¹, que estreou nos Estados Unidos em 2004. Max é inicialmente na série uma lésbica masculina, que mantém relacionamentos com outras mulheres e aos poucos vai de identificando como transhomem que se vê as voltas com a sua transformação corporal, colocando em discussão a tomada de hormônios e a cirurgia de mastectomia (retirada das mamas). Neste processo seu personagem, já « assumido » como masculino, inicia um relacionamento afetivo com um gay e tem uma surpresa ao se descobrir « grávido ».

Podemos referir também duas histórias que contribuíram para a autoidentificação trans dos interlocutores. A primeira, citada por Pedro, 23 anos, é sobre Thomas Beatie, transhomem americano. Em 2008 Beatie publicou um artigo no qual explicava que era transexual, legalmente reconhecido como um homem e casado com Nancy por vários anos. Durante sua transição ele fez mastectomia e terapia hormonal, mas manteve seus órgãos reprodutivos. Nancy e Thomas queriam há muito tempo ter filhos, mas Nancy passou por uma histerectomia. Sendo assim, eles escolheram uma alternativa para realizar o seu projeto. Este artigo teve ampla divulgação na mídia e Beatie ficou conhecido como o « homem grávido ». A segunda, referida por Bernardo, 22 anos, foi o processo de transição de Chaz Bono, bastante divulgado porque Chaz é o único filho da cantora

⁹ Baseado na história real de Teena Brandon, *Boys Don't Cry* (1999) relata a juventude de uma jovem garota que decide assumir sua homossexualidade, mas para fugir do preconceito e negação da sociedade adota nova identidade, transformando-se no garoto Brandon. *Meninos Não Choram* explora as contradições da identidade e juventude americana através da vida e da morte de Brandon Teena. Através de um caos de desejo e assassinato, surge a história de um jovem americano à procura do amor, de si mesmo e de um lugar para chamar de lar.

¹⁰ Os nomes de todos interlocutores são fictícios para preservar suas identidades.

¹¹ Série de TV americana, considerada inovadora, que fez sua estréia em janeiro de 2004 nos Estados Unidos. É sobre um grupo de amigas lésbicas e bissexuais que vivem e amam em Los Angeles, e desafia as noções tradicionais de relacionamentos, estilos de vida *queer*, identidades de gênero, raça e etnia, sexo e sexualidade (Kim Akaas e Janet Maccabe, 2006).



Cher. Ele iniciou seu processo de transição em 2008 e em 2010 mudou legalmente seu gênero e nome.

Para não nos estendermos muito, os livros referidos por Vini, 41 anos, foram as autobiografias do advogado americano Jamison Green¹², publicada nos Estados Unidos em 2004 com o título *Becoming a Visible Man*, e de João W. Nery¹³, conhecido como o primeiro transhomem brasileiro.

Vários interlocutores afirmam que sempre foram « homens »; que nasceram homens, como se isso fizesse parte de sua « natureza », remetendo a um essencialismo biológico binário. Maurício, 54 anos, e Beto, 46 anos, por exemplo, chegaram a fazer testes genéticos para saber se havia alguma alteração cromossômica que pudesse justificar sua transexualidade. Maurício conta: « *No meu caso, eu tenho assim: o 'X' é grande, ele tem duas patinhas grandes para baixo e duas para cima. O 'Y' tem duas patinhas grandes para cima. Um dos meus cromossomos tem uma grande e uma pequena* ».

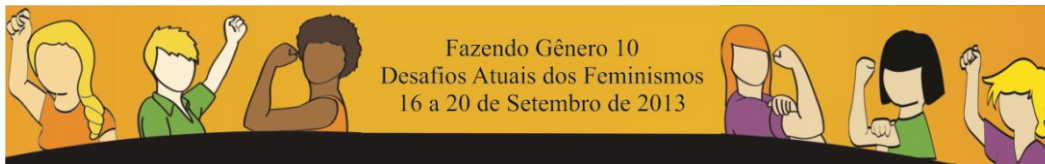
Outros se identificavam como lésbicas, lésbicas masculinas ou lésbicas ultramasculinas antes de se identificarem como trans, como Carlos, Nei, 35 anos, Vini, 41 anos, Flávio, 43 anos e Fabrício, 43 anos. Vini fala que o processo de socialização feminina trouxe a ele especificidades que, se em parte do tempo o incomodam, em outra parte o enchem de orgulho por ter experimentado coisas que o mais comum dos homens jamais ouviu falar.

Carlos afirma que sempre teve um lado feminino, como « *sensibilidade, amorosidade* », desde a infância, porém sempre teve um jeito masculino diferente das mulheres em geral. Em 2008, aos dezoito anos, ele percebeu que seu « *gênero em identidade/personalidade é masculino* ». Ele continua: « *acho que a gente que é transexual chega ao limite de ter uma visão mais bem articulada sobre gêneros e isso diminui os sexismos. Também queria dizer que eu não tinha a mínima vontade de ser transexual... preferia ter nascido ou só homem ou só mulher mesmo* ». Carlos conta que começou um novo relacionamento e diz: « *a relação você sabe que é gay. Nunca tive um relacionamento gay, mas tem sido muito bom* ».

É importante destacar que, historicamente, a crítica do feminismo à feminilidade desnaturalizou a categoria mulher e mostrou sua enfeudação à masculinidade. Sendo assim, « *toda conduta feminina se tornou suspeita de submissão ou instrumento de poder de certas mulheres contra outras, as excluídas da categoria: as proletárias, as racializadas, as trabalhadoras do sexo* »

¹² Green, Jamison. *Becoming a Visible Man*. Nashville: Vanderbilt University Press, 2004.

¹³ *Erro de pessoa*. Rio de Janeiro: Record, 1984. Esta foi a primeira autobiografia dele. Em 2011 ele publicou pela editora Leya sua segunda autobiografia intitulada “Viagem Solitária”.



(Bourcier e Molinier, 2008:6). Segundo as autoras, de um ponto de vista construtivista, uma feminista « feminina » pareceria uma contradição. Mas paradoxalmente há nas fileiras feministas também fortes resistências ao reconhecimento de masculinidade em indivíduos designados « biologicamente » como mulheres que optam por sua transformação masculina. Para as autoras esta seria uma resistência política, no que se refere à rejeição de identificação com o opressor. Para algumas mulheres, a neutralidade (nem feminina, nem masculina) pode parecer uma saída; no entanto, isto foi uma aporia identitária e política, pois nenhum corpo ou sujeito está fora do sistema de sexo, classe, raça (Bourcier e Molinier, 2008).

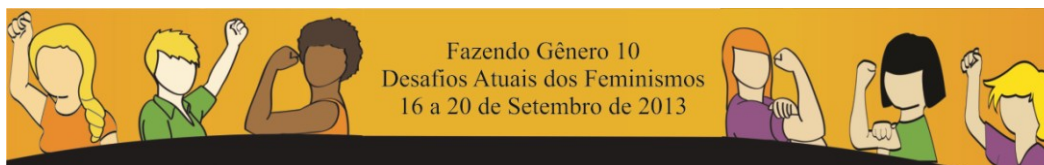
Bernardo se autoidentifica como *genderless*¹⁴, que para ele seria um pouco esquisito no Brasil, e se relaciona desde 2010 com um gay. Sobre sua família, Bernardo relata: « *na minha família qualquer um que não seja um machão porco e chauvinista é considerado 'boiola'. Quase tudo é coisa de boiola. Eu realmente detesto esta parte da família* ».

Nei considera seu psicólogo muito machista e diz que o psicólogo queria ele também fosse. Ele diz : « *isso eu não admito. Prefiro continuar tendo um lado feminino, não quero ser um FTM machão, do tipo que pega no saco e cospe no chão e acha que mulher tem de apanhar. Para mim, ser homem é muito mais do que apenas ter um pinto entre as pernas e sair comendo a primeira que se oferecer* ».

O fato de não negar o lado feminino e não querer ser « machão » ou « machista » foge de estereótipos de masculinidades ou daquelas « regras » de masculinidade apontadas por Kimmel anteriormente.

A história de Fernando, 39 anos, foi muito diferente das outras histórias que ouvimos. Ele conta que até os trinta e quatro anos se identificava como lésbica e, enquanto lésbica, era casada e tinha adotado dois filhos com a companheira. Ele nunca tinha menstruado. Aos 34 anos ficou muito doente, foi internado em um hospital e lá descobriram que ele era « *um hermafrodita verdadeiro. Por dentro eu era homem, por fora eu era mulher* ». Ele não tinha útero e os testículos que estavam internos, estavam deteriorados, causando uma infecção. Nos exames os médicos descobriram que os níveis de testosterona estavam alterados e ficaram na dúvida sobre qual hormônio prescrever. Baseados na aparência masculina de Fernando, os médicos sugeriram hormônios masculinos, e ainda sugeriram que ele fizesse mastectomia. Fernando conta que estava muito assustado com tudo e fragilizado. Sendo assim, aceitou as sugestões dos médicos. Em dois meses ele conseguiu alterar oficialmente seu nome de registro e passou a viver como homem.

¹⁴ Sem gênero (tradução literal).



Fernando trabalha como treinador de um time de futebol infantil e juvenil. Ele diz : « *eu sou um guri de quatro anos ! Esses aí [os meninos] são as minhas cobaias. Tô aprendendo com eles a ser homem* ». Ao assumir a nova identidade masculina, Fernando começou a deixar as roupas espalhadas pela casa, a ser desorganizado, passou a ser o homem mais velho da família, os filhos passaram a chamá-lo de pai, e ele começou a se comportar como « *a sociedade espera de um homem. A sociedade espera que eu proteja a família (...) e eu quis ter as minhas experiências, né...minha mulher não sabe, mas fui num puteiro ! só de curiosidade, né... só pra ver como era* ».

Fernando nos convidou para acompanhá-lo em alguns espaços para vermos o quanto os outros o reconhecem como homem. Fomos em um campeonato de futebol. Chegamos antes dele. Ao chegar, ele nos cumprimentou e passou o treinador de um outro time. Fernando fala : « *Diz pro fulano que se ele cruzar no meu caminho hoje, ele apanha !* ». Segundo ele, o tal fulano roubou um jogador seu. Mais tarde ele se aproxima de nós, balançando a mão, pois tinha mesmo dado um soco no outro. Ele se mostrou bastante orgulhoso do seu feito. A mulher de Fernando diz que « *ele virou um ogro* ».

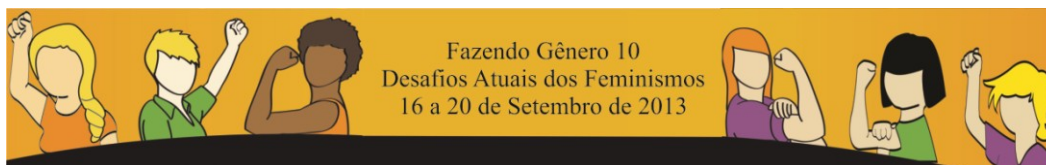
Connell (2005) chama a atenção para o fato de que a presença de um padrão dominante de masculinidade admirado é importante para os meninos em fase de crescimento. Fernando, mesmo dizendo que é um « guri », não está mais em fase de crescimento. A construção de sua masculinidade está baseada em apenas um modelo de masculinidade. Connell argumenta que se as pessoas se concentram sobre o padrão dominante, ou a definição dominante de masculinidade, elas podem deixar de ver os padrões alternativos que também existem.

Ao mesmo tempo que Fernando se tornou um homem com características da masculinidade hegemônica, ele sente saudade da « Fernanda », de sua vida anterior, e tem consciência de que sua experiência como homem é dinâmica e mutável. Ele diz: « *agora eu sou assim, mas quero que vocês me vejam daqui a dez anos. Acho que vou ser bem diferente do que sou agora* ».

No que diz respeito às transformações corporais para tornar o corpo mais masculino, apenas um dos interlocutores fez a neofaloplastia¹⁵, porém não deu certo. Ele teve necrose¹⁶ do novo órgão construído, que teve de ser removido. As cirurgias de retirada das mamas (mastectomia) é o desejo de todos os transhomens que participaram da pesquisa, sendo que apenas quatorze deles fizeram este procedimento. Os que ainda não fizeram a mastectomia usam coletes ou faixas para esconder o volume « superior ». Vários tomam hormônios masculinos como a testosterona.

¹⁵ Cirurgia de construção do pênis.

¹⁶ Morte de tecidos.



O uso de testosterona, segundo eles, aumenta a libido, deixa-os mais dispostos e alguns relatam que sentem maior agressividade. O que lhes dá mais orgulho é o crescimento dos pelos, o surgimento da barba, a mudança da voz, que fica mais grave, a diminuição de gordura no corpo e o desenvolvimento de músculos, atributos considerados masculinos.

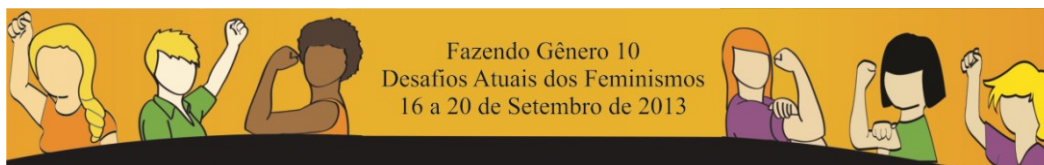
Esta construção corporal lhes dá sentido de pertencimento ao tão desejado mundo masculino, é a expressão de sua masculinidade, é sua materialidade. Porém, mesmo com um corpo próximo do que consideram ideal, a relação com outros homens é marcada por tensões.

Otávio, 21 anos, diz : « *a questão é de que para as mulheres aceitarem uma mulher no mundo delas é bem fácil, agora o mundo é machista ; eles, os homens, nunca irão nos aceitar plenamente. Na cabeça deles, pensam ‘coitadas...’ estamos adentrando no mundo deles e se equiparando a eles* ». Otávio parece se referir à masculinidade hegemônica e os processos de dominação e subordinação apontadas por Connell. Há, por exemplo, práticas de dominação do grupo de homens heterossexuais e subordinação do grupo de homens gays, na qual a masculinidade subordinada o simbólico se aproxima do simbólico de feminilidade. As práticas de dominação e subordinação incluem o abuso, a discriminação social e pessoal, entre outros.

A relação afetiva e sexual com as mulheres, no caso de transhomens heterossexuais, também gera tensões. Reni, 23 anos, conta que namora uma mulher heterossexual e até pouco tempo ainda se perguntava porque ela estava com ele, já que ele não é « *um homem fisiológico* ». Ele continua : « *questiono-a também quanto a nossa forma de intimidade sexual, pois uma vez que eu não sou um homem biológico e ela é hétero, como ela ainda pode estar comigo. Ela chega a ficar com raiva e diz que eu duvido do amor dela. Eu não duvido, mas acho que sou um pouco inseguro* ».

Ao mesmo tempo que os interlocutores comentaram que o uso de testosterona aumenta a libido, também há dificuldade de alguns deles em se aproximar das mulheres por não ser « *homens completos* », pelo medo de não ser aceitos. Como exemplo, citamos Nei : « *sou um homem que nunca conseguiu ser feliz no amor e que já foi rejeitado por ser diferente* ». Mas o que seria ser um « *homem completo* » na percepção deles ? Seria alguém com pênis ? Para a masculinidade hegemônica, ter pênis e o tamanho do pênis são valorizados, mas estamos falando aqui de masculinidades outras, nas quais podem existir homens com vagina. O desejo de ter pênis, como vimos anteriormente, não é principal preocupação em relação às modificações corporais.

Considerações (quase) finais



No espaço limitado deste artigo, pretendemos demonstrar que as transmasculinidades brasileiras emergentes são múltiplas e variadas e também marcadas por tensões e contradições, tanto quanto as feminilidades e as masculinidades o são. Não há um modelo universal de transmasculinidade, elas são maleáveis e em constante produção. Tentamos demonstrar que as transmasculinidades podem ser masculinidades alternativas, mesmo estando incluídas em práticas de dominação, subordinação e marginalização.

A ideia de algumas feministas mais radicais, que consideram que transhomens não « dormem com o inimigo, mas se transformam em um deles » talvez não tenha mais lugar, uma vez que assim como a masculinidade não pertence só aos homens, a feminilidade não pertence só às mulheres.

Para alguns de nossos interlocutores, parece haver uma idealização de corpo masculino associado à transmasculinidade, porém pode ser um ideal difícil de alcançar. Por outro lado, as transmasculinidades, ao produzir uma masculinidade sem pênis pode ser tomada como um desestabilizador de masculinidades hegemônicas (Reeser, 2010), rejeitando a arbitrariedade do sexo e do gênero e questionando a certeza de sermos homens ou mulheres.

Referências

AKKAS, Kim ; McCABE, Janet. *Reading The L Word: Outing Contemporary Television*. New York: I. B. Tauris, 2006.

BOURCIER, Marie-Hélène; MOLINIER, Pascale. *Introduction*, Cahiers de Genre, Paris, n. 45, 2008. P. 5-14.

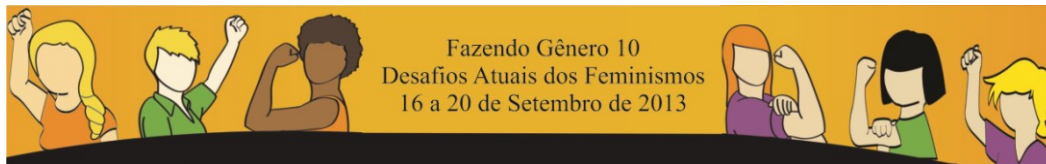
CONNELL, Robert. W. *Políticas da masculinidade*. Educação & Realidade, Porto Alegre, v. 20, n. 2. 1995. P. 185-206.

CONNELL, Robert. W. *Masculinidades*. 1a.ed. em espanhol. México : Universidad Nacional Autónoma de México, 2003.

CONNELL, Robert. *Boys, masculinities and curricula. The construction of masculinity in practice-oriented subjects*. ZEP: Zeitschrift für internationale Bildungsforschung und Entwicklungspädagogik, Frankfurt, v. 28, n. 4, 2005. P. 21-27.

DE LAURETIS, Teresa. *Technologies of gender – Essays on theory, film, and fiction*. Bloomington: Indiana University Press, 1987

DEKKER, Rudolf .; VAN DE POL, Lotte. *La doncella quiso ser marinero – Travestismo femenino en Europa (siglos XVII-XVIII)*. Madrid : Siglo XX de España Editores, 2006.



GROSSI, Miriam Pillar Grossi. *Masculinidades: Uma revisão teórica*. Antropologia em Primeira Mão, Florianópolis, 2004.

HALBERSTAM, Judith. *Female masculinity*. Durham: Duke University Press, 1998.

HALBERSTAM, Judith. *Masculinidad femenina*. Barcelona-Madrid: EGALES, 2008.

KIMMEL, Michael S. *Why Men Should Support Gender Equity*. Women's Studies Review, Fall, 2005. P. 102-114.

MISKOLCI, Richard. *O desejo da nação: masculinidade e branquitude no Brasil de fins do XIX*. São Paulo: Annablume, 2012.

NEWTON, Esther. *Le mythe de la lesbienne masculine : Radclyffe Hall et la Nouvelle Femme*. Cahiers du Genre, Paris, n. 45, 2008. P. 15-42.

PELLEGRIN, Nicole; BARD, Cristine. *Femmes travesties: un « mauvais genre » - Introduction*. Clio. Histoire, femmes et sociétés. Paris, n. 10, 1999. P. 2-8.

PRECIADO, Beatriz. *Multitudes queer. Notas para una política de los "anormales"*. Revista Multitudes, Paris, n. 12, 2003.

REESER, Todd. W. *Masculinities in Theory :An Introduction*. Malden, MA : Wiley-Blackwell, 2010.

The "Y" in question: The Brazilian Trans Masculinities

Abstract: Masculinities are constructed in the sphere of social production; different masculinities are produced in the same social context and gender relations include relations between men, relations of domination, marginalization and complicity, in which a particular form of hegemonic masculinity groups the other masculinities around them (Connell, 1995). Jack Halberstam proposes a female masculinity, stating that "*masculinity does not belong to man*" and brings up whole sides of subcultures gender hitherto underrepresented and materially repressed. Our goal is to discuss the Trans masculinities produced by Brazilian Transmen, through an online and offline ethnography for two and a half years with 34 subjects. The questions that we intend to discuss are: What to say about the masculinities produced by Transmen? What is their desire to masculinity? The results indicate different trans masculinities, we can articulate from the technologies of gender proposed by Teresa de Lauretis, and Beatriz Preciado, who understands that the set of technologies of domestication of the body, of pharmacological and audiovisual techniques that fix and delimit our potentialities, is a fiction "somatic policy" which functions as prosthesis of subjectivation and questions the certainty of being male OR female.

Keywords: Transsexuality. Transmasculinities. Transman.